

**FACULDADE SANTA HELENA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO ESPECIAL:
ESTUDOS SURDOS**

Sinalizo, logo existo

Carolina Longman

Recife-PE

2009

Sinalizo, logo existo

Carolina Longman

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Educação Especial: Estudos Surdos, pelo Curso de Especialização da Faculdade Santa Helena.

Orientador: Professor Abdias Vilar de Carvalho

Recife-PE

L848s LONGMAN, Carolina

Sinalizo, logo existo / Carolina Longman. Recife/2009.

Monografia para a especialização em Educação Especial: Estudos Surdos.

1. Libras. 2. Identidade surda. 3. Inclusão Escolar.

FACULDADE SANTA HELENA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO ESPECIAL:
ESTUDOS SURDOS

TERMO DE APROVAÇÃO

Sinalizo, logo existo

Carolina Longman

Monografia aprovada como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Educação Especial: Estudos Surdos da Faculdade Santa Helena, pela seguinte banca examinadora:

Orientador: Professor Doutor Abdias Vilar de Carvalho

Professora Mestra Maria Izabel de Melo Monteiro

Professora Mestra Zélia Maria Luna Freire da Fonte

Aprovada em: 14/11/2009.

Recife
2009

“Os surdos sonham com um mundo pelas mãos que falam”.
(Antônio Campos de Abreu)

AGRADECIMENTOS

A minha avó, Terezinha (in memoriam) ensinou-me que agradecer às pessoas nunca é demais. Agradecer é um ato de amor.

À minha filha, Luiza que significa luz. Uma luz na minha vida, pois de uma profunda tristeza nasceu uma nova alegria.

À Ninfa, que cuida da minha casa, o lugar que mais adoro. À Mariquinha e à Maria, as quais nunca esquecerei e a quem considero como mães.

Ao meu orientador, Abdias Vilar de Carvalho, o “Lorde” da paciência.

À Maria Tereza Barreto Campello que me deu poder e segurança para escrever.

A todos os professores do Centro Suvag de Pernambuco, por acreditarem na educação de surdos e a Adriana, Fátima, Geraldo, Ivoneide, Mitinha, Roberto e Tânia, pelos cuidados com as tarefas, provas, xerox, meus almoços, meus lanches, sem falar do carinho e respeito.

À Associação de Surdos de Pernambuco – ASSPE, o lugar que descobri a minha cidadania.

Aos meus amigos surdos e ouvintes mais próximos, que nunca desistiram de mim.

Às famílias Longman e Vieira, minhas maiores riquezas.

À minha irmã Patrícia, pela sua generosidade; à minha irmã caçula, Cristiana, a mais corajosa.

Ao meu pai, um homem justo e sempre solidário.

E, finalmente, à minha mãe, a pessoa com quem mais adoro conversar. É com ela que aprendo a amar a vida.

RESUMO

A língua, com toda a sua complexidade, e não o *dedo polegar*, é o que diferencia os homens dos animais, mas é a multiplicidade de línguas que diferencia os homens de outros homens. A língua é a vida, a expressão, o tesouro mais precioso do homem. É a partir da sua língua que ele se diferencia de si mesmo e dos outros.

O presente trabalho, através da pesquisa “Figurações Culturais – surdos na contemporaneidade”, pretende confirmar as nossas hipóteses sobre a importância e a força da língua numa comunidade, não obstante essa língua tenha sido negada, discriminada e proibida de ser sinalizada por vários séculos.

Mostrar aos ouvintes que a língua de sinais, para os surdos, consiste na sua própria vida, figurando como a sua primeira identidade, até mais do que sua família biológica, é uma das tarefas mais difíceis de realizar. A história dos surdos, ou, como escreve Sanches, “A Triste História da Surdez”, e Lane, “A Máscara da Benevolência - a comunidade surda amordaçada”, vem demonstrando como essa tarefa não é fácil.

Partimos da construção coletiva da pesquisa “Figurações Culturais – surdos na contemporaneidade” (2009) a fim de pontuar as contribuições dos alunos surdos do curso de pós-graduação. Tais contribuições ocorreram durante a elaboração da pesquisa e permitiram construir uma vasta teia de sentimentos, opiniões, posições políticas e históricas, somando-se às entrevistas realizadas com estudantes surdos do Ensino Fundamental II e Ensino Médio da cidade do Recife, sobre a língua de sinais.

Palavras-chave: língua de sinais, Libras, identidade surda, família, inclusão escolar, história e memória.

ABSTRACT

The language, with all its complexity, and not the thumb, it's what makes the difference between the men and the animals, but it is the multiplicity of the languages what makes the difference between the men among themselves. The language is life, the act of expressing, the man's most precious treasure. It's from it's language that the man became different from himself and from the others.

The present work, through the research "Cultural traces: the deaf community in the contemporary world", intend to confirm our theories about the importance and the power of language in one community, in despite of the fact that this language has been denied, discriminated and forbidden to be marked/flagged for centuries.

To show to the listeners that the signs language, to the deaf person, consistes his own life, figuring as his first identity, representing even more than his biologic family, it's one of the hardest to realize assignments. The history of the deaf people, as writes Sanches in "The Sad Story of Deafness", and Lane in "The Mask of Benevolence: Disabling the Deaf Community", has been demonstrating how this task isn't easy.

We based on the collective structure of the research "Cultural traces: the deaf community in the contemporary world" (2009) in order to punctuate the postgraduate deaf students contributions. These contributions occurred during the elaboration of the research and permitted to form one vast texture of sentiments, opinions and political and historical positions, adding to the interviews about signs language realized with deaf students from the "Ensino Fundamental II" and the "Ensino Médio" of the city of Recife.

Keywords: signs language, Brazilian Sign Language, deaf identity, family, school inclusion, history and memory.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
DEPOIMENTO	12
Capítulo 1: SINALIZO, LOGO EXISTO: O SURDO COMO ESTRANGEIRO	13
Capítulo 2 - UMA PESQUISA QUE TOMA O JEITO DOS SURDOS	17
2.1 O curso de Pós-graduação – uma reviravolta pedagógica	17
2.2 O tempo determinante do universo da pesquisa	19
2.3 Perfil da turma do curso	20
2.4 A questão dos intérpretes	21
2.5 Inclusão: o surdo sempre perde	22
2.6 As polêmicas nas discussões da pesquisa	23
2.7 A influência dos alunos surdos do curso na pesquisa.	35
2.8 Da aplicação e análise dos questionários pelos alunos surdos	35
Capítulo 3: A IMPORTÂNCIA DE UMA LÍNGUA	37
3.1 Uma língua teimosa	38
3.2 Realidade dos surdos hoje	42
3.3 Comunidade surda – transmissão e tradição.	43
3.4 Escolaridade, aprendizagem e inclusão	45
3.5 Quem são os surdos?	46
Capítulo 4: CONSIDERAÇÕES FINAIS: A LÍNGUA DE SINAIS - UMA LÍNGUA TEIMOSA	48
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	50

INTRODUÇÃO

Descartes desenvolveu o pensamento racionalista e se consagrou com a expressão “*Penso, logo existo*” para mostrar a libertação do pensamento religioso, a importância e a força do pensamento racional para a humanidade. Faço uma analogia – “*Sinalizo, logo existo*” – a fim de mostrar a libertação do surdo da barreira lingüística do som.

O surdo só poderá avançar e afirmar a força do pensamento surdo para a humanidade quando se libertar do oralismo e encontrar as línguas visuais/sinalizadas, pois o poder das línguas orais/sonoras ainda é muito forte e predominante. As línguas de sinais¹ comprovam na sua existência as infinitas possibilidades de contribuições para o enriquecimento de outras línguas e culturas.

As línguas orais são bastante conhecidas, estudadas e reinventadas ao longo da História. Por outro lado, as línguas de sinais abrem um novo “Mundo”. Essas línguas, que sinalizam com as mãos, proporcionam uma nova visão sobre a estética, o pensamento lingüístico, sociológico, antropológico, bem como uma pedagogia de aprendizagem diferenciada.

Os surdos são iguais a qualquer pessoa, possuem uma língua própria e se comunicam por meio dela. A diferença mais radical é que a sua linguagem é expressa por gestos, enquanto os ouvintes sinalizam com a voz, por meio da boca. A naturalidade do falar, para qualquer pessoa ouvinte, é semelhante à da gestualidade para os surdos. Se uma criança nasce surda e seus pais são surdos, ela irá encarar com naturalidade os movimentos gestuais dos pais e logo vai aprender a também sinalizar com as mãos.

A fim de uma melhor compreensão didática do nosso trabalho, partimos do nosso próprio depoimento enquanto surda. No capítulo 1, abordamos cientificamente as diferenças entre as línguas de sinais e as línguas orais, expondo os estudos de alguns lingüistas e neurologistas para confirmar a natureza gramatical dessa língua gestual e visual.

¹ Todos os países têm a sua língua de sinais própria, como, por exemplo: a Língua Americana de Sinais, a Britânica, a Francesa, a Japonesa etc.

Registramos a importância do curso de pós-graduação no que concerne a aprender a pesquisar, quando os professores do curso se propõem a realizar pesquisas coletivas dentro e fora da sala de aula. Desde o início, registrei e descrevi o processo de concepção, elaboração e realização dessa pesquisa, e suas principais circunstâncias.

Essa abordagem metodológica permitiu a nós, alunos surdos do curso, fazer reflexões e análises acerca das figuras do intérprete e dos ouvintes no curso de Especialização em Estudos Surdos e das discussões sintetizadas nas “boas polêmicas” que fazem parte do capítulo 2.

Por fim, no capítulo denominado “*A importância de uma Língua*”, trabalhamos com a Pesquisa “*Figurações Culturais: Surdos na Contemporaneidade*”, resultado do curso, focada nos leituras dos questionários dos estudantes surdos do Ensino Fundamental II e do Ensino Médio.

As questões de maior relevância foram, em primeiro lugar, a Libras – quando e onde aprenderam, onde mais usam; a cultura surda; implante coclear; realidade dos surdos na atualidade; comunidade surda; transmissão e tradição; escolaridade, aprendizagem e inclusão; e, por fim, quem são os surdos?

Nas considerações finais, exponho um resumo sobre a teimosia dessa língua de sinais, a qual vence pela liberdade e pela necessidade que os surdos têm de serem sujeitos da sua história.

DEPOIMENTO

Nasci surda e não escolhi falar o português. Alguns pensam que sou estrangeira, por falar com um sotaque *carregado*. Mas digo: “- Falo português por raiva do preconceito e da discriminação que eu sofria, junto com todos os meus amigos surdos”. Obrigavam-nos a falar. Então, eu dizia que um dia iria falar bem português, no entanto, sempre preferi conversar em uma língua gestual. Nós, os surdos, nos comunicávamos na nossa língua gestual, nos banheiros e no recreio, escondidos dos professores. Era o único momento só nosso. Era o momento em que não nos sentíamos diferentes, ou seja, estrangeiros.

O banheiro era o único lugar em que todos eram iguais. Falávamos todos de maneira igual, sem preconceitos. Na época, eu não tinha consciência da existência da língua de sinais. As pessoas falavam, e ainda falam que os surdos que não aprendem português são preguiçosos.

Da minha turma, que iniciou na escola com a mesma faixa etária, apenas dois – eu e outra criança – nos comunicamos oralmente.

O português oral não é valorizado na nossa comunidade de surdos, por isso, não nos interessa saber e aprofundar, porque alguns surdos falam oralmente e outros não. Essa questão não nos interessa. Fica para outros profissionais pensarem e pesquisarem.

Aprendi o português, mas, mesmo conversando com os ouvintes, me sentia como uma estrangeira, porque não sinto o português como a minha língua natural. A língua de sinais não é a minha primeira língua, mas é a minha língua de cidadania. Com a LIBRAS é como se eu voltasse à minha infância e me lembrasse de quem verdadeiramente sou. Utilizar o português é como se eu fosse exilada da minha própria língua.

Quando entrei realmente na comunidade surda e descobri a minha verdadeira língua, foi como voltar, depois de muitos anos de exílio, e, finalmente, poder me apropriar dela e nunca mais querer que ela me escape novamente.

Capítulo 1: SINALIZO, LOGO EXISTO: O SURDO COMO ESTRANGEIRO

Segundo Sanchez (1990), no seu livro ainda sem tradução para o português, “*La Incrible y triste historia de La sordera*”, existe uma diferença entre língua materna e língua nativa. Nós podemos complementar esse pensamento: as línguas que são aprendidas naturalmente, sem artificialismos terapêuticos ou implantados por médicos, são as línguas de sinais, inventadas pela comunidade surda, que, por ter um impedimento para ouvir e aprender naturalmente as línguas orais, criou outro tipo de língua – as sinalizadas por mãos. O referido autor afirma, também, que “todas as pessoas falam uma língua natural e outras podem falar ainda mais línguas naturais. Porém, em alguns casos, a gente pode falar mais línguas em uma mesma sociedade”. (SANCHEZ, 1990, p. 22)

Alguns psicólogos definem como língua materna a língua de origem e falada pela mãe. Certas crianças têm pais de línguas diferentes e aprendem ao mesmo tempo as duas línguas: a falada pelo pai e a língua materna.

Nos Estados Unidos da América, onde a imigração de pessoas latino-americanas é muito grande, os filhos desses latinos, que nascem em território americano, são considerados americanos e a sua língua pátria será o inglês, mas a sua língua materna será o espanhol ou português, porque os pais são de origem latina. Esse é apenas um exemplo sobre filhos de ouvintes, cujos pais imigraram para outro país.

No caso dos surdos, a realidade é um pouco diferente: os surdos nascem estrangeiros na sua família e no seu país. Nascem estrangeiros na família porque nunca vão expressar oralmente a língua dos seus pais, e nascem estrangeiros no seu país porque a discriminação pela sua língua de sinais é ainda uma realidade. Podemos afirmar esse sentimento é comum entre os surdos de todos os países – a estrangeirice.

Definimos estrangeirice, compreendida pela comunidade surda, como a situação vivida por pessoas que nascem em determinado país, vivem com a sua família de origem, mas não falam oralmente o vernáculo do seu país e, sim, uma língua de modalidade gestual-visual.

Podemos pensar, de forma mais civilizada e cidadã, que a língua natural dos surdos, em primeiro lugar, é a LIBRAS, e o português figura como

a língua utilizada para sua formação escolar e a comunicação com os ouvintes. Essa é a maneira como essa língua se apresenta para os surdos.

Dando continuidade ao tema, na opinião de Sanchez (1990), todas as línguas são naturais. Todas as línguas são diferentes entre si, tanto as orais como as visuais, porque são próprias dos homens e são faladas só pelos homens, com a finalidade de expressar conceitos, pensamentos, idéias. As línguas são passadas de pais para filhos, de gerações a gerações.

No caso dos surdos, a tradição da passagem da língua de sinais ocorre de surdo para surdo e é mantida através do ambiente de encontros da comunidade surda. Os surdos, na sua maioria, não têm filhos surdos. Os filhos ouvintes aprendem a língua de sinais para se comunicarem com os pais. É a linguagem afetiva familiar, mas a sua língua de cidadania será o português oral.

É a existência dos lugares de apoio aos surdos, de comunidades de surdos, da sua família lingüística, que garante a sobrevivência dos surdos através da sua língua. A impossibilidade dos surdos poderem garantir aos seus filhos ouvintes a tradição e continuidade de transmissão dessa língua é uma ameaça futura da extinção dessa língua.

A luta dos surdos pelos seus pares é uma constante. Por isso, podemos afirmar que, nós, surdos, vivemos numa grande família. Todos os surdos pertencem a uma única e grande família. Os surdos são os guardiões da sua língua; todos fazem questão de ensinar uns aos outros. Isso é vivenciado no dia-a-dia da comunidade e da associação.

Sacks (1989, p. 86) acrescenta outra distinção, ao afirmar que

...a diferença entre as línguas faladas mais diversas é pequena em comparação com a diferença entre a fala e a língua de sinais. Esta última difere nas origens e no modo biológico. Os processos de pensamento das pessoas que se comunicam por sinais, conferindo a elas um estilo cognitivo hipervisual, único e intraduzível.

Ainda Sacks (1989, p. 129-130):

Ser surdo, nascer surdo, coloca a pessoa numa situação extraordinária; expõe o indivíduo a uma série de possibilidades lingüísticas e, portanto, a uma série de possibilidades intelectuais e culturais que nós, outros, como falantes nativos num mundo de falantes, não podemos sequer começar a imaginar. Não somos privados nem desafiados linguisticamente como os surdos: jamais corremos o risco da ausência de uma língua, da grave incompetência lingüística, mas também não descobrimos, ou criamos uma língua surpreendentemente nova.

O novo, que é dado pelos surdos, vem também acrescido desse novo conceito de estrangeirismo. O estrangeiro é aquele que chega a um novo território, com uma tradição cultural, com uma língua, com sua religião, com uma forma de ver e interpretar o mundo. Em geral, são discriminados porque não falam, no início, a língua do país hospedeiro. À medida que aprendem a língua do seu segundo país, vão repassando a sua cultura, os seus hábitos e convivendo com as duas culturas.

Esses imigrantes existem em todos os países e permitem que todos os povos possam viver e aprender com os outros estrangeiros. A nossa situação é um pouco diferente: somos nativos e estrangeiros ao mesmo tempo.

Nascemos no país dos nossos pais e familiares, mas só vamos aprender mais profundamente sobre a cultura dos nossos pais e do nosso país de nascimento, quando aprendemos a língua de sinais.

Nas pesquisas feitas com surdos, nas escolas, percebe-se que os surdos alocados nas salas de ouvintes continuam estrangeiros, tanto que é necessária a presença de intérprete para promover a comunicação do professor e dos demais estudantes ouvintes com os alunos surdos.

Percebe-se que o “estrangeiro” é rejeitado na sua língua e cultura e, quanto às políticas públicas, é visto como um deficiente que tem de se adaptar à maioria ouvinte para garantir a política de inclusão.

Esquecem que a diferença é para ser aprendida e não adaptada à realidade dos ouvintes. Se os ouvintes têm direito à escola na sua língua, porque os surdos também não possuem esse direito?

O passado e o futuro das nossas vidas só têm relevância depois que aprendemos a língua de sinais. É importante ler alguns exemplos de depoimentos de surdos tratados no livro de Longman (2007, p.17-18):

“... Da minha infância não lembro nada” – (WG3).

“... não sabia falar nenhuma língua e não entendia o porquê da vida” – (WG3).

“... aniversários só tinham ouvintes e só lembro-me de presentes” – (WG3).

“... eu não tinha nada na mente” – (WG3).

“... a Libras (Língua de Sinais Brasileira) era proibida na escola” – (WG3).

“... batiam na minha mão, para eu não sinalizar” – (MG2).

“... eu sentia às vezes que a cabeça não combinava com a fala” – (WG3).

“... minha mãe dizia que eu só casava se tivesse uma casa comprada”- (KG1).

“... minha infância era imitar sozinho o que via na TV” – (KG2).

“... eu brincava sozinho, não me lembro de nada” – (KG2).

“... até os 14 anos não conhecia nada. Só depois da Libras” – (MG2).

Acreditamos e sentimos, no nosso dia-a-dia, que os ouvintes, mesmo filhos de surdos ou os que são competentes na língua de sinais, não possuem o que as comunidades de surdos comentam: *“eles não têm a alma surda”*.

Capítulo 2: UMA PESQUISA QUE TOMA O JEITO DOS SURDOS

2.1 O curso de Pós-graduação – uma reviravolta pedagógica

O curso de Pós-graduação em Educação Especial: Estudos Surdos, realizado pelo Centro SUVAG de Pernambuco em parceria com a Faculdade Santa Helena, teve como objetivo aprofundar a noção de surdez como construção cultural, histórica e política, tomando como linha norteadora a Língua Brasileira de Sinais. Foi um curso que questionou as práticas que mantêm os surdos na deficiência e na educação especial das políticas públicas.

Segundo a proposta do curso, o seu

enfoque multidisciplinar responde à necessidade da inserção dos estudos surdos nos estudos culturais, na sociologia da diferença, na psicologia social e na história dos movimentos sociais. Indica também, o reconhecimento da relevância desses campos do saber para análise das relações de poder dos movimentos surdos numa sociedade majoritariamente normatizadora. (Documento, 2007)

Este curso foi pensado como um momento de reflexão e de produção de conhecimentos sobre Libras, identidades, histórias e pedagogias surdas. Foi um espaço pioneiro para o conhecimento de um grupo social, inserido em geral, no grupo maior de “deficientes”, que, no entanto, se diferencia deste por uma particularidade que o acompanha desde o convívio primário familiar às escolas e em outros ambientes públicos: uma língua própria. Num mundo de falantes, qual o lugar e espaço do surdo? Como pode o surdo sair deste isolamento comunicativo, que se torna social e político, para, como sujeito social, aprender um código linguístico, que o permita ser compreendido e respeitado na sociedade como sujeito falante de uma língua e não apenas qualificado como usuário de mímica? (Pré-Projeto de Pesquisa - 2008)

O Pré-Projeto de Pesquisa – 2008 esclarece que “além da função comunicativa, a aquisição e o uso de LIBRAS significam primeiramente ser, forjar sua identidade, buscar suas raízes e também estar numa sociedade como cidadão”. Sobre o curso, afirma: “O desafio maior para este curso não é apenas de seguir os padrões legais e didáticos, mas de compreender e

exercer, como Paulo Freire bem plantou a semente, uma pedagogia cidadã”. (Pré-Projeto de Pesquisa - 2008)

Os professores e a coordenação do curso se preocuparam, desde o início, com a diversidade dos alunos, tendo como questionamento a escassa bibliografia e dados de pesquisa sobre a realidade dos surdos no Estado de Pernambuco.

O professor de sociologia sempre perguntava aos alunos quem é o surdo no nosso Estado?

Foi em virtude dessas provocações e da necessidade de produção de coisas novas que os professores apresentaram um projeto de pesquisa coletiva: “*Figurações Culturais: surdos na contemporaneidade*”. A proposta era fazer um trabalho conjunto com os alunos e professores, ou melhor, aprender a realizar pesquisas por meio da prática.

A proposta era inovadora, no sentido de se fazer coletivamente e com a originalidade de uma equipe interdisciplinar de professores com especializações em Libras, lingüística, fonoaudiologia, antropologia, sociologia, políticas públicas, pedagogia, informática, psicologia e psicanálise. Os componentes de pesquisadores apresentavam uma diversidade de alunos; na sua maioria, oriunda da escola pública e com um conhecimento do senso comum sobre os surdos.

A primeira proposta escrita do colegiado de professores do curso coloca como objetivo

apreender a realidade educacional, social, política, cultural e econômica dos surdos, sobretudo daqueles que freqüentam a rede pública de ensino. Este estudo servirá de base para um conhecimento e uma reflexão coletiva e de fonte primária para estudos posteriores. (Pré-Projeto de Pesquisa - 2008)

Ainda como questão central da pesquisa, tem-se “o caráter investigativo e pedagógico que permitirá um novo modelo de orientação de monografias articulado ao fazer monográfico individual”. (Pré-Projeto de Pesquisa - 2008)

Por fim, “espera-se que a pesquisa não só preencha as lacunas do conhecimento sobre os sujeitos surdos como também contribua para o

desenvolvimento de políticas públicas educacionais para este grupo cultural.” (Pré-Projeto de Pesquisa - 2008)

O professor de sociologia assumiu a coordenação e, desde o início, começamos a analisar e refletir sobre as implicações e dificuldades de fazer uma pesquisa ao longo do curso. Prevaleceu a vontade de todo o grupo, professores e alunos, de realizar uma primeira pesquisa no estado de Pernambuco.

Posteriormente, os pesquisadores – grupo de professores e alunos do curso – definiram o tema “*Figurações Culturais: Surdos na Contemporaneidade*”. No cabeçalho da proposta do “pesquisão” (apelido denominado pelos alunos durante o curso), foram inseridas duas frases, uma de Bourdieu e a outra de Paulo Freire, autores cujos textos foram trabalhados durante a realização da pesquisa e que serviram de guia para a análise e postura dos pesquisadores.

A oposição tradicional entre os métodos ditos quantitativos, como a pesquisa por questionário, e os métodos ditos qualitativos, como a entrevista, mascaram que eles têm em comum, se apoiarem nas interações sociais que ocorrem sob a pressão de estruturas sociais. (BOURDIEU, 1997, p. 694).

Ensinar exige a convicção de que a mudança é possível. (FREIRE, 1996, p.76).

2.2 O tempo determinante do universo da pesquisa

Avaliou-se que o tempo para realização da pesquisa não era compatível com o cronograma do curso. Os professores e alunos estavam dispostos a realizar o trabalho, mas o fator tempo foi determinante para a redução do universo da pesquisa. Os mapas e dados estatísticos retirados da Secretaria de Educação do Estado de Pernambuco não batiam com a realidade das escolas; o número de professores, o número de alunos, o número de turmas (ANEXO A). Muitos colegas que participavam do curso eram da rede Estadual de Ensino e levantaram com minuciosidade a realidade atual dos alunos.

Depois de muita discussão e levantamentos, chegou-se ao entendimento de somente entrevistar os alunos do Ensino Fundamental II e do

Ensino Médio, principalmente por serem suas escolas majoritariamente da responsabilidade do estado. A realidade, hoje, é que as prefeituras se responsabilizem pelo Ensino Fundamental I e o governo estadual ou federal pelos cursos de ensino superior e de Pós-graduação. A grande maioria de alunos do curso de Pós-graduação era da rede estadual. Esse fator foi um facilitador para a definição desse universo. Levantou-se também a importância de aplicar os questionários com os estudantes surdos universitários, para poder comparar as realidades desses dois grupos.

Por fim, fechou-se o universo nas escolas da rede estadual de Ensino Fundamental II e Médio, como também dos alunos universitários. Outra questão importante foi o quantitativo de alunos: alguns professores defendiam a totalidade dos alunos, mas o fator tempo foi novamente imperativo nessa decisão. Estudou-se e estabeleceu-se o percentual de 10% dos alunos, 10% dos pais e 10% dos professores. A partir desse percentual, definiram-se as escolas que estavam nos critérios de alunos surdos de Ensino Fundamental II e Ensino Médio. Um aspecto que contribuiu para acrescentar o número de escolas foi o fato de só haver no Recife uma escola exclusiva de surdos que contempla o Ensino Fundamental II, o Centro SUVAG de Pernambuco.

Destarte, utilizando-se desses critérios foram selecionadas 05 (cinco) escolas, sendo 04 (quatro) da Rede de Ensino Público: Escola Governador Barbosa Lima, Escola Lauro Diniz, Escola Rochael de Medeiros, Escola Vidal de Negreiros e outra da Rede de Ensino Privado: Centro SUVAG de Pernambuco.

2.3 Perfil da turma do curso

A nossa turma era formada por vários grupos. O maior deles era constituído por professores da rede de ensino do estado de Pernambuco, num total de 40 (quarenta). O segundo grupo, por 05 (cinco) professores de uma escola de surdos bilíngüe, sendo um desses professores surdo; o terceiro era formado por professores e intérpretes da rede particular de ensino, surdos e ouvintes. Nesse universo de alunos profissionais, destacavam-se 05 (cinco)

surdos, que tiveram de viver e sentir na pele a situação da inclusão em sala de aula.

Durante o curso, pudemos observar que mais de 50% dos alunos não sabiam LIBRAS e tinham pouco conhecimento sobre surdos, mas eram professores que viviam nas suas escolas a situação de inclusão, ou seja; tinham surdos na sua sala de aula.

Nós, os alunos surdos, também nos diferenciávamos por termos 03 (três) professores de LIBRAS, 01 (um) professor de português escrito para surdos e outro especialista em informática.

Tentamos deduzir o número de alunos que falavam Libras e, posteriormente, fez-se um levantamento por uma das professoras do curso para saber quem sinalizava na sala, mas não se chegou a nenhuma conclusão. Alguns alunos que achávamos que sinalizavam, não assumiram que eram bilíngües.

Esse universo de alunos, na sua maioria ouvintes, levantou algumas questões na sala de aula. Por exemplo: o lugar dos surdos numa sala de inclusão, a escolha dos intérpretes, a comunicação dos professores com os alunos surdos.

2.4 A questão dos intérpretes

O conflito referente aos intérpretes foi vivenciado durante todo o curso. Sempre havia por parte de alguns professores a preocupação de ouvir as nossas opiniões enquanto surdos.

Experimentou-se uma forma de superar as dificuldades na sala de inclusão, como, por exemplo, colocar o intérprete no data-show para os surdos poderem se sentar em qualquer espaço de sala de aula.

Comentou-se, inclusive, que os intérpretes, às vezes, se sentavam ao lado dos surdos e em vez de traduzir as aulas e explicações, entravam nas conversas paralelas entre os surdos.

Esses são alguns dos prejuízos por não haver professores fluentes em língua de sinais nas salas de aula, tendo que passar o conhecimento em outra língua.

Outra questão importante é que os conceitos trabalhados em sala de aula, na maioria, não eram de domínio do intérprete e muitas vezes eram traduzidos *ipsis literis*.

Esse foi um dos principais pontos relativos à inclusão: os alunos surdos não têm como avaliar se a tradução foi correta, nem os professores que estão na sala de inclusão e não sabem falar língua de sinais. Essa é a primeira “*experiência babélica*”, como fala Sanchez, no seu livro (1990), ou seja, nós, os surdos, ficamos numa sala com intérpretes sem saber se o intérprete traduziu corretamente. Eis a realidade do cotidiano das nossas salas de aula de inclusão.

Gostaríamos de enfatizar que todos os professores tinham compreensão dos Estudos Surdos, e possuíam a preocupação de ressaltar a importância de ter, no curso de pós, alunos surdos. Mesmo assim, nós observamos que o intérprete acaba sendo confundido com o professor, e, sem querer, torna-se uma referência mais importante do que os professores. Pois, nesse caso, sem intérprete, não há “professor”, não há aula.

2.5 Inclusão: o surdo sempre perde

A vivência da inclusão nos leva a participar pouco em sala de aula. Mesmo tendo colegas bilíngües e intérpretes, a comunicação dos alunos ouvintes com os surdos é muito limitada e os professores, não obstante os seus esforços e a consciência dos seus papéis como educadores, reconhecem que a experiência da inclusão diminui a participação dos surdos no processo de construção de conhecimento.

Outro problema que enfrentamos nas aulas de inclusão é que ficamos prejudicados por termos que dedicar mais atenção ao intérprete, o que impossibilita o registro através da escrita pessoal. Ou se concentra na interpretação ou na escrita. Muitos dos professores apenas se utilizavam da

linguagem falada nas aulas, usando poucas exposições visuais. Isso também demonstra que para os professores de pós-graduação é difícil pensar numa pedagogia mais voltada para os alunos surdos.

Partindo-se dessas críticas, concordamos que a proposta de realizar uma pesquisa coletiva foi a metodologia mais democrática para que os surdos participassem numa posição diferenciada.

2.6 As polêmicas nas discussões da pesquisa

Primeiramente, registramos que este curso de Pós-graduação entrará para a história na educação de surdos de Pernambuco. Os 05 (cinco) surdos serão os primeiros a concluir um curso de especialização em 2009, em pleno século XXI.

O desenvolvimento do curso concentrou-se na preocupação de conhecer a realidade dos surdos em Pernambuco. Antes de começar a elaborar os questionários, alguns professores perguntavam: “quem é o surdo em Pernambuco?” Todos os alunos começavam a responder com os *achismos*: “acho que são a maioria...”. Sempre se cogitava sobre o pensamento dos surdos, o que eles fazem, como eles se comunicam entre si, e como é o seu cotidiano, mas nunca houve um trabalho de pesquisa para confirmar ou não essas crenças.

Tais discussões foram batizadas de “polêmicas”. Foram anotadas as seguintes polêmicas:

- Como sobrevivem as famílias com surdos sem falar a Libras?
- O que nos ensinam os surdos?
- Por que discriminamos os surdos?
- Como é a socialização dos surdos na escola e na comunidade?

Em uma das aulas foi solicitado que os alunos se dividissem em grupos para entender o que era cultura surda. Foram feitos alguns registros das discussões, salientando-se os seguintes aspectos:

O Grupo 1

- Deve-se mudar e colocar as diferenças;
- Provocar no ouvinte as diferenças, o conflito, a diversidade, a heterogeneidade;
- Comunicação como provocação;
- Enquanto professora, é preciso melhorar a compreensão do mundo surdo;
- É possível viver com pontos de vista diferentes.

O Grupo 2

- Não tem experiência com os surdos;
- Barreiras;
- O ouvinte atordoado com o mundo dos surdos.

O Grupo 3

- A motivação de querer conhecer o mundo surdo;
- Existem culturas no mesmo mundo.

Grupo 4

- É muito difícil nós entendermos a cultura surda. Nós nunca tivemos outro tipo de comunicação, nem mesmo entre os índios, que têm sua cultura e linguagem;
- Não há só uma comunicação;
- Não existe somente um grupo surdo;
- É possível reduzir o mundo surdo à língua? À comunicação?

Grupo 5

- Comunicação não tem erros, mas equívocos;
- A construção de ouvintes com surdos, surdos com ouvintes;
- Respeitar, conviver, dialogar com o outro.

Grupo 6

- As barreiras na comunicação podem ocorrer entre surdos e ouvintes/ouvintes e surdos;

- O ingresso dos surdos na universidade.

Grupo 7

- O grupo ampliou a temática da comunicação.

Esses resumos não acrescentaram muito para responder as perguntas feitas pelos professores na sala. A maioria dos professores participava coletivamente das aulas e da elaboração da pesquisa.

Em outra aula, os professores levantaram a seguinte questão: “Como podemos imaginar os surdos, no mundo, em 2050?” Cada grupo teria que imaginar esse mundo e elaborar perguntas que fariam aos estudantes ouvintes e não aos surdos, porque, no caso, os surdos seriam maioria e seriam as minorias que nos interessariam.

O nosso grupo foi constituído apenas por surdos e tentamos apresentar um mundo de utopia.

Grupo 1 - Nós, Surdos.

Tema: EM 2050 SERIA O CONTRÁRIO: OS SURDOS SERIAM MAIORIA E OS OUVINTES MINORIA.

Entrevista com os estudantes ouvintes:

1. O que vai achar quando chegar ao mundo que só tem surdos? Como irá se sentir?
2. Aqui, nessa cidade, só há surdos. Como ser ouvinte para se comunicar com os surdos?
3. Será que os surdos estão preocupados com os ouvintes que aprendem de forma atrasada?
4. Como entrar na faculdade que só tem surdos?
5. Por que só os surdos falam que os ouvintes são deficientes? Os ouvintes se acham deficientes?
6. Os ouvintes acham bom ter poucas vagas para ouvintes nos concursos públicos?

7. Você concorda que a redação seja em Libras nos concursos e nos vestibulares?
8. Os direitos à vaga dos ouvintes devem ser iguais aos dos surdos?
9. Você concorda com o fato de os surdos obrigarem os ouvintes a falarem Libras?

Comentários preliminares:

O grupo inverte os grupos lingüísticos (minoritário e majoritário) encontrados em nossa sociedade atual (Surdos - Libras; Ouvintes - Português) e demonstra interesses de investigação similares aos demais grupos (mesmo que com papéis trocados).

Foco de interesse:

- Relacionamento, comunicação, educação, políticas públicas.

Grupo 2

Tema: O MUNDO.

Objetivo Geral:

- Expandir o conhecimento do nosso universo a partir da convivência com novos mundos.

Objetivos Específicos:

- Viabilizar meios para interação entre grupos;
- Estudar novas estruturas lingüísticas;
- Verificar o nosso mecanismo de adaptação nesse universo.

Perguntas:

1. Que parâmetro será utilizado para o desenvolvimento da pesquisa?
2. Que língua é essa?
3. Ela se parece com algo que nós conhecemos?

4. Que método devo adotar para aprender essa língua?
5. Como eles fizeram para desenvolver a língua?
6. O que mais dificulta a socialização deles (surdos) conosco?
7. Convivendo com eles aprendemos sua língua?

Comentários preliminares:

O grupo aponta interesse em estudar aspectos relacionados ao uso (e aquisição) de línguas e comunicação (interação) através delas.

Grupo 3 – Grupo dos Assíduos

Tema: ANO 2050 - O POVO DO PLANETA ZETA FALA DOIS IDIOMAS OFICIAIS: LIBRAS E PORTUGUÊS.

Objetivo Geral:

- Observar a fluência nas duas línguas entre os habitantes de Zeta.

Objetivos Específicos:

- Identificar as ações que permitiram o acesso aos dois idiomas;
- Relatar a importância do uso dos dois idiomas na vida dos habitantes de Zeta.

Entrevista:

1. Como e onde você aprendeu os dois idiomas?
2. A partir de que idade você aprendeu os dois idiomas?
3. Ter acesso a dois idiomas facilitou sua relação com grupos de convivência?
4. Os meios de comunicação contribuíram para a fluência nas duas línguas?
5. Você participou da elaboração das políticas governamentais para facilitar o acesso a duas línguas?
6. Você conhece alguma escola que não trabalhe com as duas línguas?
7. Você estudou em escola que ensina através do olhar?

Comentários Preliminares:

O grupo aborda interesse em estudar questões relacionadas ao bilingüismo. Único grupo que apresentou esse interesse específico.

Grupo 4 - Planeta.

Tema: “QUEM NÃO SE COMUNICA SE TRUMBICA”.

Problema:

- Como se comunicar, sem ter o domínio da LIBRAS, nesse planeta em que ela é a língua dominante.

Objetivo Geral:

- Estudar a comunicação nesse planeta.

Objetivos Específicos:

- Analisar como se dá a comunicação e quais os meios utilizados;
- Estudar se há atrito entre quem domina a língua e quem não domina.

Justificativa:

Partindo da idéia de que “quem não se comunica se trumbica” (Chacrinha), a pesquisa chega a esse mundo para refletir e buscar sabedoria para uma comunicação igualitária e também facilitar a aproximação de futuras gerações que venham a entrar em contato com essa língua dominante.

Busca-se entender como se comunica sem o domínio dessa língua.

Acredita-se que, ao final da pesquisa, as nossas relações serão bem mais cordiais e proveitosas para ambos.

Roteiro de entrevista:

1. Nesse planeta existe alguma forma de comunicação?
2. Se existe, como é feita?

3. Existe alguém utilizando outro tipo de comunicação?
4. Quais os seus meios de comunicação?
5. Como são repassadas as informações?
6. Que tipo de linguagem vocês utilizam?
7. Como eu posso entender esse tipo de linguagem?
8. Como foi seu avanço tecnológico?
9. Como o grupo majoritário (surdos) vê o grupo minoritário (ouvintes)?
10. Vocês se sentem superiores por serem dominantes?

Comentários preliminares:

O grupo enfoca na comunicação.

Grupo 5 – Professores que trabalham com surdos

Tema: A COMUNICAÇÃO NO PLANETA CORPOVIMENTO.

Problema:

- Quais as ferramentas de comunicação deste universo?

Hipótese:

Só existe um componente gestual para cada sinal.

Objetivo Geral:

- Verificar em que o processo de construção numa sociedade gesto-visual difere da sociedade oralista.

Objetivos Específicos:

- Investigar as facilidades e dificuldades na interação entre eles;
- Analisar as narrativas de vida;
- Identificar pontos em comum entre as sociedades.

Grupos Focais:

- Indivíduos de faixas etárias diferentes que vão analisar quais os mecanismos de acesso aos bens culturais e difusão desses bens;

- Indivíduos de diversas posições sociais analisarão as formas de interação nesta sociedade gesto-visual.

Roteiro de Entrevista:

1. As narrativas de vida são transmitidas apenas através de linguagem gestual? Por quê?
2. Quais são os meios de comunicação possíveis com a sociedade oralista?
3. Houve influência de alguma sociedade gesto-visual na aquisição de sua comunicação?
4. Quais os métodos para repassar o saber e o conhecimento dessa sociedade?
5. Existem pessoas que não conseguem se comunicar nessa sociedade?
6. Quais as limitações mais identificadas na comunicação existente?
7. Existem equipamentos tecnológicos facilitadores para o convívio social?
8. Como se dá a comunicação/interação com as crianças nos primeiros anos de vida?
9. Quais são as atividades lúdicas pedagógicas utilizadas para contribuir no desenvolvimento de suas crianças?
10. Quem são e onde estão os profissionais responsáveis pela formação educacional dos indivíduos nessa sociedade?

Comentários preliminares:

- Foco de interesse: Comunicação, vida em sociedade;
- Não entendi a hipótese e os grupos focais (nem a relação deles com o todo).

Grupo 6

Tema: COMUNICAÇÃO É POSSÍVEL.

Objetivo Geral:

- Conhecer as transformações ocorridas em um grupo de surdos, que, ao longo de sua caminhada, vem alcançando conquistas.

Objetivo Específico:

- Identificar os fatores que têm colaborado para a melhoria da comunicação entre surdos e ouvintes.

Universo da Pesquisa:

- Família (surdos, com pais ouvintes);
- Instituições Públicas;
- Empresas (lojas, fábricas etc.).

Justificativa:

Há décadas, os surdos vêm buscando tornar a sua cultura conhecida e isso tem acontecido graças à determinação desse grupo. Por essa razão, traçamos um roteiro de entrevista no qual buscamos nos inteirar acerca das mudanças ocorridas.

Perguntas:

1. Como você se sentia quando estava diante de alguém que não usava sua língua?
2. O que você tem feito para melhorar sua comunicação com o outro?
3. Quais os fatores que você identifica como aqueles que mais contribuíram para a quebra das barreiras na comunicação?
4. O que você ainda considera como maior dificuldade em seu mundo?
5. Você ainda se sente de alguma forma excluída? Por quê?
6. Hoje, como o surdo é visto no mundo do trabalho em relação à ocupação de funções relevantes?
7. Quais os pontos positivos da sua profissão?
8. Como tem acontecido o intercâmbio entre o surdo e outras culturas?
9. Em sua opinião, o que ainda falta ser construído no relacionamento familiar?

Comentários preliminares:

O grupo enfoca a comunicação, apesar de abordar outras áreas de interesse.

Grupo 7 – Grupo que não se inclui em nenhuma dessas categorias

Tema: O MUNDO SURDO NO ANO 2050.

Objetivo Geral:

- Investigar as mudanças que ocorrem na vida dos surdos ao longo dos anos.

Objetivos Específicos:

- Verificar as mudanças na comunicação das famílias ouvintes com filhos surdos;
- Identificar a participação do surdo na sociedade atual;
- Identificar as mudanças nas políticas públicas no que se refere às comunidades surdas.

Questionário:

1. Como a família se relaciona com o filho surdo?
2. Houve mudanças na família após seu nascimento?
3. Como é a socialização na escola e na comunidade?
4. Quais as oportunidades de trabalho oferecidas ao surdo na atualidade?
5. O que mudou nas políticas públicas destinadas à comunidade surda?
6. Houve avanços quanto ao ingresso dos surdos na universidade?
7. Qual a classe social desses surdos?
8. Os que estão na universidade são inclusos?

Comentários preliminares:

- O grupo foca investigação em socialização (família, mercado de trabalho, escolaridade);

- Idéia mais aproximada da realidade da pesquisa que farão, ao invés da proposta mencionada em classe (atividade).

Grupo 8

Tema: O MUNDO SURDO NO ANO DE 2050.

Objetivo Geral:

- Identificar o papel do surdo na sociedade contemporânea.

Grupo Focal:

- Surdos trabalhadores com idade de 18 a 60 anos.

Roteiro:

1. Identificação do sujeito: nome; idade; grau de instrução; estado civil; atividade profissional;
2. História familiar: pais (surdos e ouvintes);
3. Interação familiar: relacionamento, comunicação dentro da família;
4. Que tipo de escola (bilíngüe, inclusiva, só LIBRAS) eles freqüentavam?
5. Porque eles não optaram pelo implante coclear (como)?
6. LIBRAS: Como foi seu primeiro contato com a língua de sinais?
7. As políticas públicas estão atendendo às expectativas da comunidade surda?
8. A inclusão foi um fator determinante no desenvolvimento da identidade surda no âmbito da sociedade?

Comentários preliminares:

- O grupo abrangeu todos os eixos de pesquisa em seu roteiro de interesses;
- Idéia de pesquisa mais exploratória;
- Idéia mais aproximada da realidade da pesquisa que farão, ao invés da proposta mencionada em classe (atividade).

Grupo 9 – Grupo que é um pouquinho de tudo**Tema: A COMUNICAÇÃO ENTRE SURDOS NO INÍCIO DO SÉC. XXI.**

Objetivo Geral:

- Identificar e se posicionar em relação ao contexto dos surdos no início do século XXI.

Objetivos Específicos:

- Levantamento do tipo de comunicação entre os surdos no início do Século XXI;
- Recriar o contexto de comunicação no início do século XXI;
- Analisar à luz da sua realidade as experiências vividas pelos surdos em relatos orais.

Universo:

- Comunidade acadêmica (pesquisadores).

Comentários preliminares:

- O grupo foca em comunicação;
- Considera que está em uma época mais “avançada” no que diz respeito à comunicação e tem por objetivo investigar a comunicação do passado entre surdos.

Essa técnica utilizada pelos professores foi objeto de discussão sobre os conceitos de deficiência e surdo como identidade cultural, tema já abordado em outras disciplinas, mas que, ao ser retomado, levanta questões ainda de incompreensão por parte de uma grande parcela de alunos ouvintes do curso. Essa introdução levou os alunos do curso a começar a pensar sobre o que gostariam de pesquisar e saber a respeito da vida dos surdos, sua escolaridade, seus pensamentos políticos etc.

2.7 A influência dos alunos surdos do curso na pesquisa

Nesta pesquisa nós, os Surdos, atuamos como os principais pesquisadores, haja vista os questionários terem sido aplicados por surdos e para estudantes surdos. O modelo das perguntas também teve que ser adaptada à compreensão do surdo, para que não predominasse a forma gramatical do português escrito e oralizado.

Os questionários (os modelos das perguntas) para estudantes foram analisados e modificados por um grupo de 05 (cinco) alunos surdos do curso, juntamente com um professor surdo.

A decisão sobre a aplicação dos questionários, pelos surdos, aos estudantes surdos do Ensino Fundamental e Ensino Médio foi debatida durante as aulas do curso de Pós. A principal preocupação por tal decisão dos surdos foi a comunicação, pois a comunicação dos alunos-ouvintes talvez fosse possível, mas seria muito precária.

Outra preocupação foi com a escrita do questionário. Quando os surdos foram ler os questionários, chegou até a ser engraçado, pois as reações de todos foram imediatas. Ficaram seriamente preocupados ao perceberem o quanto a escrita do português é diferente da compreensão da Libras. Era como se o português escrito ficasse empobrecido quando traduzido para a Libras.

2.8 Da aplicação e análise dos questionários pelos alunos surdos

Os alunos surdos se dividiram em pares: um com a função de fazer as perguntas e outro para fazer as anotações, com observações das reações e dúvidas dos entrevistados. Algumas duplas de entrevistadores surdos foram compostas por um intérprete. Havia um interesse por parte dos surdos em ir para as escolas e fazer as perguntas, mas, primeiramente, foram selecionados 05 (cinco) alunos surdos como pilotos para analisar a compreensão das perguntas e respostas.

Foi realizado um pré-teste com os alunos e professores da turma, com a finalidade de avaliar a metodologia para o questionário de aplicação coletiva.

Cada pergunta era discutida e as opiniões dos alunos surdos sempre eram consideradas relevantes. Para tanto, os surdos se colocaram mais ativos e expuseram a importância de ter só entrevistadores surdos aplicando os questionários. Essa regra foi uma lei durante o processo de coletas de dados.

Nas pesquisas feitas com surdos, nas escolas, percebe-se que os surdos, quando postos nas salas de ouvintes, continuam estrangeiros, tanto que é necessário um intérprete para fazer a ligação do professor e dos demais estudantes ouvintes com os alunos surdos.

Nesse caso, a diferença consiste no fato de que o “estrangeiro” é rejeitado na sua língua e cultura e, com relação às políticas públicas, é visto como deficiente que tem de se adaptar à maioria dos ouvintes, garantindo a política de inclusão.

Esquecem que a diferença é para ser aprendida e não adaptada à realidade dos ouvintes.

Quando os questionários da pesquisa, feitos na sala de aula, ficaram prontos, nós, os surdos, reivindicamos sobre o teor do questionário a ser aplicado para os surdos durante as entrevistas. Tivemos que modificá-lo para uma linguagem escrita de estrangeiro (o português escrito para os surdos).

Capítulo 3: A IMPORTÂNCIA DE UMA LÍNGUA

Quando um povo perde uma língua, também perde diversidade humana: perdem-se meios de compreensão e explicação do mundo; perdem-se soluções de adaptabilidade do homem ao meio, perde-se o conhecimento do potencial e do usufruto sustentável deste meio. Enfim, perdem-se conhecimentos fundamentais que venham a colaborar para a continuidade da sobrevivência do homem no planeta. (ROMANI, 2009)

Os surdos provocam e convidam a todos os humanos a pensar sobre a comunicação, a pensar a respeito da diversidade das línguas, ou seja, que as línguas não possuem só a modalidade sonora. As línguas são também gestuais e visuais.

Há uma semelhança entre os surdos: todos são sinalizadores; todos são pertencentes a um mundo de preferência visual, um mundo que desconhece o som, um mundo que contribui para a humanidade com a originalidade de uma língua sem som. Os surdos, através de suas línguas, produzem comunicação em “silêncio”. Comunicam-se sem produzir “barulho” ou som.

É de conhecimento público que as línguas de sinais foram proibidas no século XVIII e, mesmo assim, eles mantiveram-nas na clandestinidade. Foram impedidos de sinalizar durante séculos, principalmente a partir do marco histórico do Congresso de Milão, em 1880. Podemos dizer que, em decorrência desse evento dramático, ainda estamos pagando o preço dessa proibição, e afirmar que a nossa língua resistiu até hoje por teimosia.

Uma das formas de manifestação dessa teimosia em sinalizar, foi utilizar os espaços e territórios fora do alcance da visão dos ouvintes, e mesmo dos mais próximos, como seus tutores, ou seja, as suas famílias, seus professores etc. Como afirma Lane (1992, p. 84): “A instituição audista não está preocupada nem com a herança cultural dos surdos, nem com a sua linguagem, a qual é a concretização dessa herança. Estes fatores são negados.”

As línguas de sinais sobreviveram, sobretudo, por conta da clandestinidade, como os encontros realizados nos banheiros das escolas,

nos recreios e nas ruas, à noite. Consoante os próprios surdos, em seus depoimentos para a Revista SUVAG - Estudos surdos: Novas Perspectivas, vol. III: “Mais do que nas casas, nas igrejas ou nas escolas, foi na rua que nasceu a sua língua e criou-se o seu movimento político”. (Longman, L.V e Campello, M.T.B, 2009, p. 37)

Ainda segundo os depoimentos: “A rua foi também o lugar da clandestinidade, da marginalidade, no sentido do diferente, dos que foram e ainda são suficientemente corajosos para romper com os modelos opressores da época”. (Idem, p. 37)

3.1 Uma língua teimosa

A perda de uma língua é algo irremediável para a cultura, identidade e sobrevivência de um povo. É um golpe fatal na memória, autoestima e no direito de se afirmar como nação. Mas tem sido uma realidade para muitas etnias. Ano após ano, milhões de pessoas em todo o mundo são impedidas de pensar em sua língua materna, de usá-la no cotidiano. (ROMANI, 2009)

De acordo com a pesquisa “Figurações Culturais – Surdos na contemporaneidade” 2009, os 49 estudantes surdos do Ensino Fundamental II e do Ensino Médio, quando indagados sobre qual a primeira língua que aprenderam, responderam no seguinte percentual: 53,06% afirmaram ter sido português e 38,77% que foi Libras.

Esses dados se contrapõem com as outras respostas que vão aparecer ao longo da pesquisa, pois, embora a maioria tenha respondido que aprendeu primeiro o português, não foi o suficiente para a sua liberdade, para a sua aprendizagem. Quando os surdos descobrem a sua verdadeira língua, identificam nela a sua própria vida. A língua de sinais torna-se a sua principal descoberta. Na verdade, pode-se afirmar, sem medo ou exagero, que, para os surdos, sua verdadeira vida se inicia quando eles aprendem e dominam a sua língua.

A proibição de uma língua pode ser comparada a um holocausto. Ela provoca a desumanização do homem. É como se algo fosse retirado do seu corpo; não só dele, mas da sua alma, da sua identidade... Como se matasse o

homem por dentro, deixando-o vivo. É desse modo que imaginamos e entendemos os sentimentos dos surdos que são obrigados a colocar o implante coclear, mesmo sendo competentes na sua língua natural.

Outro aspecto relevante diz respeito ao estudo acerca das línguas de modalidade oral-auditiva. Desenvolveram tantos estudos sobre elas não atentaram para o novo, que são as línguas sinalizadas e de modalidade gestual-visual.

A contribuição das línguas de sinais foi observada por alguns lingüistas, como Stokoe, que estudou e descreveu a Língua de Sinais Americana (ASL) e, também, pelo pesquisador neurologista Oliver Sacks, o qual tentou compreender de que maneira os surdos pensam e organizam os seus pensamentos sem uma língua oral.

Será que as teorias dos sonhos, do abstrato e das memórias não estão em interligadas à descoberta dos surdos da pragmática de uma língua gestual-visual? Na pesquisa realizada, 69,38% dos estudantes surdos responderam que sonham em LIBRAS.

O registro das línguas de sinais é um fato científico, haja vista que a comunidade científica de ouvintes quando estudou e descobriu a naturalidade dessa língua para os surdos, constatou que ela possui as mesmas características de qualquer outra língua oral. Tal descoberta foi realizada pelos ouvintes que ainda não acreditavam – e muitos ainda não acreditam – tratar-se de uma língua verdadeira. Alguns ainda defendem que é uma transcrição de outra língua. Para os surdos essa questão nunca foi importante, porque, para eles não é necessário uma explicação científica de que sua linguagem é uma língua. Essa descoberta só tem relevância para os ouvintes.

O preconceito, quanto ao reconhecimento dessa língua, ainda permanece inclusive no meio científico. Por isso mesmo, talvez seja importante situar a compreensão de língua, construída historicamente. Os autores, Larrosa e Skliar (2001), explicam que a língua, no séc. XIX, era pensada na relação do significante com o significado. A língua de sinais, no séc. XVIII, segundo o Abade L'Epée, citado em vários livros de história, já era considerada importante para os surdos, mas como forma de ler e escrever. A preocupação do Abade era mais religiosa, pois os surdos, lendo e escrevendo, poderiam ter a salvação de suas almas.

A língua, hoje, ainda é pensada de acordo com o proposto por Larrosa e Skliar (2001), ao modo da tradução. Isto é, a partir do ponto de vista da relação e do transporte entre sistemas de signos. Uma língua é inesgotável e tem infinitos significados.

Para valorizar a linguagem é preciso que ela se expresse através da arte. Uma língua se consolida e se valoriza na medida em que conquista a arte. É por meio desta que uma língua ganha e amplia seu universo, tornando-se conhecida e valorizada. Tomemos, por exemplo, a dimensão da língua inglesa. Foi, principalmente, por meio da música e do cinema que ela se projetou e se tornou uma referência mundial. Sem esses dois instrumentos, dificilmente o inglês teria o crescimento e difusão que teve. Com relação ao cinema, isso aconteceu com o advento do cinema falado. O domínio e a eficiência nas composições musicais, juntamente com o crescimento da indústria do cinema, fizeram do inglês uma língua universal. Conseqüentemente, a língua mais conhecida e mais falada no mundo.

Se os surdos querem realmente valorizar e tornar conhecida a sua língua, ou suas línguas, precisam dominar, eficientemente, algumas expressões artísticas. Nesse sentido, o teatro pode representar, para os surdos, o que o cinema falado representou para os ingleses e americanos.

Encontrar formas de se expressar artisticamente, utilizando suas línguas de sinais, é um desafio para os surdos. A arte, ou as diversas formas de expressão artísticas, é que permitem tornar uma língua, de fato, conhecida e reconhecida.

Esse sentimento está presente na pergunta 47 da pesquisa “Figurações Culturais”: “Você acha importante os surdos fazerem a cirurgia/implante coclear?” 87,75% dos estudantes surdos responderam que não acham importante colocar implante coclear.

Os médicos e cientistas que inventaram o implante coclear para surdos nunca se questionaram sobre a importância e a contribuição das línguas de modalidades visuais. A impossibilidade de reconhecer a invenção da comunidade surda, na produção e desenvolvimento dessa língua, é uma estupidez dos cientistas e médicos, quando defendem o implante para todos.

Eles podem até defender o uso do implante para aqueles que são ouvintes e se tornam deficientes, mas não podem afirmar que esse

instrumento seja de valia para uma comunidade que se reinventa e contribui com algo novo e genuíno, que é uma língua visual.

Por isso não cansamos de afirmar que a humanidade tem muito o que aprender com os surdos, principalmente, quando eles lhe apresentam uma nova língua, de modalidade gestual-visual, a qual coloca em questão as teses neurológicas relativas ao hemisfério predominante da língua no cérebro. O neurologista Oliver Sacks fez esse registro e constatou que “a língua de sinais desenvolve não só o pensamento como percepção, mas de outro tipo, a espantosa intensificação da percepção e inteligência visual”. (SACKS, 1989, p. 11)

O referido neurologista vai mais longe, quando afirma:

A língua de sinais é uma concepção nova da linguagem, da biologia e da cultura, reafirmando também que o abade Sicard está correto, além de ser poético, quando escreve que a introdução da língua de sinais *abre as portas da inteligência pela primeira vez* (SACKS, 1989, p. 33).

Segundo Herder (apud Sacks, 1989, p. 137): “Na língua de um povo reside toda a sua esfera de pensamento, sua tradição, história, religião e base da vida, todo o seu coração e sua alma”. Posteriormente, Sacks comenta e conclui de forma irreparável e de difícil contestação: “... vale especialmente para a língua de sinais, porque ela é a voz – não só biológica, mas cultural, e impossível de silenciar – dos surdos”. (SACKS, 1989, p. 137)

Esses profissionais que defendem o implante, e outros tantos, idealizaram que todos os surdos são iguais, que estão no mesmo patamar.

Desde o século XVIII, temos um conceito de língua escrito por Pierre Desloges, que foi o primeiro surdo a descrever a língua de sinais como uma língua legítima e não uma transcrição de outra:

A língua [de sinais] que usamos entre nós, sendo uma imagem fiel do objeto expresso, é singularmente apropriada para tornar nossas idéias acuradas e para ampliar nossa compreensão, obrigando-nos a adquirir o hábito da observação e análise constantes. Essa língua é vívida; retrata sentimentos e desenvolve a imaginação. Nenhuma outra língua é mais adequada para transmitir emoções fortes e intensas. (SACKS, 1989, p. 33)

Mesmo com estas afirmações e comprovações, de que a língua de sinais tem o mesmo status de outra língua qualquer, os surdos não são reconhecidos verdadeiramente, ou melhor, a sua língua. A confusão gerada pela mistura de línguas faz com que os surdos cometam atos falhos na escrita.

Pode-se constatar essa situação em relação ao uso e à fluência de LIBRAS, conforme respostas às questões, nas perguntas 06 e 60: “Você usa libras? Você é fluente em libras?” No primeiro caso, todos responderam que sim. Mas, no segundo, dos 49 (quarenta e nove) pesquisados, 08 (oito) responderam que não eram fluentes, 03 (três) deixaram em branco e 01 (um) não respondeu. Essas respostas confirmam o atraso no aprendizado da sua língua, pois muitos surdos, como aprendem mais tarde a sua língua, ainda não possuem tempo suficiente para se sentirem fluentes na sua própria língua.

3.2 Realidade dos surdos hoje

A “cegueira” dos pais tem levado muitos surdos a só terem acesso à sua língua natural na adolescência ou com mais de 07 (sete) anos. Os pais resistem até perceber que a naturalidade do seu filho é o gesto e não a fala oral. Aprender tardiamente acarreta muitos prejuízos para as crianças que ainda não são possíveis de avaliar.

Podemos afirmar, com certeza, que a maior dificuldade enfrentada pelo atraso da língua é o atraso na escolaridade. Esse dado é apontado na pergunta 61: “Há quanto tempo você está na escola?” Um percentual de 30,61% afirmou que ficam entre 05 (cinco) a 10(dez) anos na escola.

Na pergunta 30: “Quem ensinou libras a você?” 61,22% responderam que foram os amigos surdos. É mais do que a metade dos entrevistados. O restante (26,53%) respondeu que foram os professores surdos. Esse fato só vem comprovar que surdos só aprendem a sua língua com outros surdos.

3.3 Comunidade surda - transmissão e tradição

Trataremos, nesse tópico, de algumas compreensões dos estudantes surdos entrevistados em relação à cultura surda.

Na pergunta 32: “Você concorda que Libras tem o mesmo valor que língua oral (português, inglês, francês...)?” 79,59% dos participantes concordam que essa língua tem o mesmo valor, sem falar que, nas anotações de alguns entrevistados, estes respondiam que “a Libras é a melhor, muito importante”; “é próprio de mim”. Sacks (1989, p. 157) tem um posicionamento que constata o disposto nessas respostas:

Os surdos consideram a língua de sinais uma parte imensamente íntima, indissociável de seu ser, algo de que eles dependem, e também, assustadoramente, algo que lhes pode ser tirado a qualquer momento como foi, de certo modo, pela conferência de Milão em 1880.

Essa afirmação é um retrato eloqüente de como ele soube perceber que a língua é decisiva para a formação da identidade dos surdos. Sem a sua própria língua os surdos deixam de existir.

É através dessa língua que os surdos constroem o seu mundo, o chamado **mundo surdo**, com a sua história, a sua organização social, a sua política e, finalmente, a sua dignidade. Acrescentaria, ainda, o seu orgulho por pertencer a este grupo social e cultural que se encaixa perfeitamente com o percentual obtido como resposta à pergunta 52: “Agora, você tem orgulho de ser surdo?” 95,91% afirmaram que sim.

Os surdos junto de outros surdos sempre reforçam a sua língua e o orgulho de falá-la bem. Alguns se diferenciam por utilizar a sua língua de forma culta. Mas há aqueles que, por aprenderem tarde demais ou conviver pouco com a sua comunidade, não desenvolvem a sua língua profundamente e não estudam a sua gramática.

Em geral, não são valorizados. Isso não quer dizer que são discriminados, mesmo porque os surdos são bastante solidários entre em si e existe um grande respeito e alegria no encontro de um surdo com outro surdo, mesmo sem conhecê-lo.

É interessante como no mundo dos ouvintes as pessoas, quando se encontram, falam da sua família, da sua cidade, do tempo, ou seja, sempre procuram laços para se identificarem. Os laços que fazem os surdos se sentirem reconhecidos não estão à família; geralmente, estão na escola, nos amigos surdos, ou mesmo nos locais de encontro.

Na pergunta 107 do questionário: “Você vai com frequência a...?” O local cujo percentual foi mais elevado é a escola, com 53,06% das respostas. Porém, outros lugares foram igualmente assinalados, como, por exemplo, o Shopping Boa Vista – ponto de encontro em determinado dia da semana – e a praia, os quais são freqüentados, cada um, por 32,65% dos entrevistados.

A pergunta de maior impacto, que nos leva a pensar e reafirmar a importância de uma língua na vida das pessoas, é a de número 111: “Você tem amigos surdos?” 100% responderam de forma afirmativa. Esse universo da amizade é uma unanimidade entre os surdos. Sempre que um surdo encontra outro, ainda que não o conheça, vai ao seu encontro. Até hoje ocorre encontro do surdo com um surdo desconhecido.

Por meio de depoimentos de surdos, no início e meados do século XX, há registros da imensa alegria de encontrar outro que o entendesse, fazendo com que ele não se sentisse “estrangeiro” naquele momento. É a alegria de encontrar um igual, um irmão. É aquela saudade de poder sinalizar e não precisar falar oralmente ou tentar entender oralmente os ouvintes.

Os surdos consideram o falar oral uma tortura ao seu corpo e à sua alma. A alegria de sinalizar é a nossa teimosia. A teimosia da nossa existência, da nossa língua, do nosso existir. Ser surdo é ter uma alma surda. Nunca as nossas mãos serão enterradas. Cada vez temos mais orgulho disso e esse é o motivo desta alegria. Seguros da nossa existência, jamais deixaremos que a nossa língua seja proibida; sempre acharemos a nossa existência melhor do que a que o outro tenta impor, ou seja, ser surdo é a nossa melhor existência.

3.4 Escolaridade, aprendizagem e inclusão

Diante da pergunta 31 do questionário – “Você concorda que libras ajudou à sua aprendizagem?” – 47 entrevistados responderam que CONCORDAM, apenas 01 respondeu NÃO CONCORDO e outro não respondeu. Esses dados são importantíssimos, pois só comprovam que os surdos têm razão em seus comentários, nas suas escritas, nas piadas que contam, na sua luta, na sua história, ao falar sobre a dominação do mundo ouvinte em querer menosprezar a sua língua. O pior, a sua escola. Eles sequer têm direito a uma escola exclusiva, ou seja, uma escola onde todos os professores falem a Libras.

A perda e a interdição das línguas de sinais, ao longo da história, levaram os surdos, a grande maioria, ao fracasso escolar, e a serem definidos como pessoas que possuem perturbações mentais, deficiências na linguagem, entre outras definições.

Aproveito para fazer uma análise mais profunda com estas duas perguntas: a de número 72 – “Você aprende mais com professor surdo?” – que, embora tenha obtido o percentual de 95,91% de respostas afirmativas, não condiz com a realidade escolar, já que, infelizmente, os dirigentes da Educação não estão preocupados com os surdos e acreditam que intérpretes “consertam” a carência de professores que saibam ensinar as suas disciplinas em Libras; e a pergunta 65 – “Tem intérprete na sala de aula?” – Na qual 65,30% dos surdos responderam que têm aula com intérprete.

Entender que a língua de sinais é tão natural para os surdos como a língua oral é para o ouvinte. É de uma clareza palmar. Infelizmente, a maioria dos ouvintes não consegue enxergar esse fato e prefere defender a presença dos intérpretes em salas de aula para surdos. Os intérpretes deveriam ser utilizados para traduzir em situações de extrema necessidade para os surdos; não podem ter a função de repassar conhecimentos. Uma coisa é aprender com pessoas que falam a mesma língua, outra é tentar entender o que o outro fala através de um tradutor.

As línguas de sinais têm o mesmo poder que as línguas orais para os ouvintes. Se os surdos não têm, em suas salas de aulas, professores fluentes

na sua língua, é porque a linguagem dos surdos não tem importância para os que elaboram as políticas de inclusão. As nossas mãos estão imobilizadas, “presas”, nas salas de inclusão, como eram presas pelos profissionais que defendiam a oralização.

As respostas às questões – “Você lê Português?” e “Você escreve Português?” – reforçam essa realidade. De fato, 69,38% disseram que lêem, mais ou menos, português. E, mais grave ainda, 57,14% dos entrevistados responderam que escrevem mais ou menos.

Da resposta “mais ou menos” conclui-se que foi a saída encontrada pela vergonha de responder que lêem e escrevem mal. Resumindo: é uma minoria insignificante que lê sem dificuldades (apenas dois) e menos ainda (apenas um) quem escreve bem.

Isso serve para mostrar e provar que as línguas de sinais têm as mesmas utilidades e funções que qualquer outra língua oral, e é dessa maneira que a comunidade surda se expressa nos seus depoimentos: praticamente 100% dos surdos preferem professores surdos. Tal realidade demonstra a importância e o valor dessa língua. Se os surdos, das escolas de inclusão e das escolas bilíngües, fazem, quase por unanimidade, essa afirmação é porque entendem que essa é a sua língua de compreensão e de construção do conhecimento.

Outros questionamentos feitos por nós, surdos, dão-se acerca dos métodos de aprendizagem de uma língua estrangeira; dos métodos e hipóteses de aquisição de leitura e escrita de uma segunda língua; as questões das pedagogias de aprendizagem orais e a reafirmação da facilidade de leitura de imagens de textos.

3.5 Quem são os surdos?

A maioria dos surdos que participaram da pesquisa, ou seja, 99%, são filhos de pais ouvintes, o que resta comprovado nas respostas à pergunta 15: “Você é filho de?”.

Comprovou-se, também, que só aprendem a LIBRAS muito mais tarde. Na pesquisa, temos como resultado para a pergunta 22 – “A primeira vez que você viu libras foi?” – que 46,98% dos participantes viram Libras pela primeira vez na escola. Ao serem inquiridos sobre com qual idade começaram a usar Libras, 44,89% dos entrevistados respondeu que foi na faixa etária entre 11 a 15 anos.

Houve outras respostas, como, por exemplo, viram Libras pela primeira vez na rua, na igreja, mas, apenas uma pessoa respondeu que viu na família, isso porque o entrevistado é filho de pais surdos. 30,61% responderam que viram a Libras entre surdos.

Essa realidade é bastante parecida com o que se apurou no século XVII, na França, onde os surdos aprendiam língua de sinais nas ruas ou na escola do Abade L’Epée. As perguntas da pesquisa foram fundamentais para entendermos, ou melhor, para os dirigentes das políticas públicas entenderem a importância da criação de creches para surdos.

Com uma política de creches, os surdos poderiam ter contato mais cedo com sua língua e não estaríamos repetindo uma história de mais de três séculos.

Existem ainda pessoas que defendem a oralização de surdos, porque alguns surdos falam e sinalizam. Essa diferença, de surdos falantes e sinalizadores de gestos, não pode ser generalizada para todos. Muitos surdos, que foram submetidos às torturas da oralização, não conseguem falar, mesmo tendo acesso aos melhores métodos e aos melhores fonoaudiólogos.

Essa problemática não é dos surdos, é só dos ouvintes e, principalmente, dos pais ouvintes de surdos, os quais não aceitam ter que aprender uma língua estrangeira não valorizada por muitos pais.

Capítulo 4: CONSIDERAÇÕES FINAIS: A LÍNGUA DE SINAIS – UMA LÍNGUA TEIMOSA

Os usuários preferenciais das línguas visuais, os surdos, são bilíngües naturalizados pelo contexto em que vivem, e, por serem filhos, na sua esmagadora maioria, de pais ouvintes, ou seja, de pais falantes de uma língua de modalidade oral/auditiva.

Viver nesses dois mundos: dos *lábios batedores* e das *mãos que encenam*, faz do surdo um sujeito que traz uma diferença a mais, que os distingue também dos índios e de outros povos que preservam a sua língua, mas não configuram como maioria no seu país de nascimento.

A soberania desse diferencial dos surdos é pertencer a um grupo que cria outra modalidade de língua, que pode contribuir para o enriquecimento do conhecimento da humanidade, principalmente na invenção de outro modo de comunicação, de convivência e de teimosia em produzir novas formas de traduções.

A minha liberdade só é garantida se eu defendo a liberdade do outro de pensar e existir na sua diferença. Os surdos conseguem entender que a nossa liberdade é também uma garantia da liberdade dos negros, das mulheres e gays. Infelizmente, só os que vivem a situação de oprimidos, conseguem enxergar mais adiante, porque nós temos que lutar cotidianamente pela nossa liberdade, pelo nosso espaço.

Estes fatores são negados, mas a nossa teimosia é o nosso maior triunfo, é pela nossa forma de viver, exaltando as nossas mãos. Teimamos em sinalizar mesmo depois que os surdos do século XVIII, como o educador francês, Ferdinand Berthier (apud LANE, 1992, p. 76) dentre outros:

Escreveram livros contradizendo as calúnias dos ouvintes contra os surdos, mencionando atitudes que testemunham os sentimentos morais das crianças surdas, citando os feitos dos surdos adultos (os próprios livros desmentiram as calúnias dos ouvintes), mencionando as possibilidades ilimitadas da Linguagem Gestual Francesa, no entanto, tudo isto foi completamente ignorado nos corredores do poder, do mesmo modo que ainda hoje as ofensas aos surdos são ainda ignoradas pelo sistema audista.

Continuamos teimando com a nossa língua. A língua da liberdade e da nossa razão. Enfim, a língua de sinais é a nossa liberdade, encontrada na

naturalidade dos surdos, como afirma Lane (1992, p. 191) “No século passado, assim como neste, as pessoas culturalmente surdas pensavam que a surdez era um estado perfeitamente viável de existência, tão bom ou talvez até melhor do que a audição”.

REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, Pierre. **A miséria do mundo**. Petrópolis: Vozes, 1997.
- CARDOSO, Ruth. "Aventuras de antropólogos em campo ou como escapar das armadilhas do método". In: _____ (Org). **A aventura antropológica: teoria e pesquisa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
- FREIRE, Paulo. **Pedagógica da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- LANE, Harlan. **A máscara da benevolência: a comunidade surda amordaçada**. Lisboa: Instituto Piaget, 1992.
- LARROSA, Jorge & Skliar, Carlos (orgs). **Habitantes de Babel: políticas e poéticas da diferença**. Belo Horizonte: autêntica, 2001.
- LONGMAN, Liliane Vieira. **Memórias de surdos**. Recife: Ed. Massangana, 2007.
- MARTINS, Gilberto de Andrade; THEÓFILO, Carlos Renato. **Metodologia da investigação científica para ciências sociais aplicadas**. São Paulo: Atlas, 2007.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva**. São Paulo: T.A. Queiroz, 1991.
- REVISTA ESTUDOS SURDOS: NOVAS PERSPECTIVAS**. Recife, v. 3, p. 37, 2006.
- RICHARDSON, Roberto Jarry e al. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3. ed., 7. reimpr. São Paulo: Atlas, 2007.
- ROMANI, Danielle. Museu da língua de sinais: memória e consolidação da luta dos surdos. **Revista Continente**, a. 9, maio, 2009. Disponível em: <<http://www.iteia.org.br/mulisi-museu-da-lingua-de-sinais>>. Acesso em: 10 jun 2009.
- SACKS, Oliver. **Vendo vozes: uma viagem ao mundo dos surdos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- SANCHEZ, Carlos. **La increíble y historia de la sordera**. Caracas: Ceprosord, 1990.
- SUVAG. **Pesquisa Figurações Culturais: Surdos na Contemporaneidade**. Recife, 2009.